



ASSINATURA DA FOTO

925

Ações de furto e roubo ocorreram no Comércio nos dez primeiros meses de 2022. Em 2020, no mesmo período, foram contabilizadas 707 ocorrências semelhantes na região

jeito é tentar agilizar as demandas antes do anoitecer. E até correr, literalmente, para o ponto de ônibus entra na lista de proteção.

Seu Manolo, como é conhecido o proprietário do restaurante Manolo Rei do Pernil, conhece bem as histórias de violência na região. Ele conta que tinha uma rotina agitada no estabelecimento que funciona desde 1930. Às 19h, quando costumava fechar, precisava limitar o número de clientes que não paravam de chegar. Agora, por causa da falta de segurança, ele precisa encerrar os atendimentos às 16h.

PONTOS DE ÔNIBUS

Já Manuel** é baleiro e circula pelo Comércio há dez anos. Apesar de nunca ter vivido uma situação de violência, conta que já testemunhou diversos assaltos no local, principalmente nas áreas que dão acesso a pontos de ônibus. "Eles [os criminosos] até respeitam nós, ambulantes [...], mas como não somos cegos, o que mais vemos são situações em que outros trabalhadores não são perdoados pela criminalidade", conta.

Diante dos testemunhos que surgem das situações de violência vividas no bairro, a cientista social Luciene Santana alerta para o perigo dos estereótipos que possam ser colocados.

"Estigmas não devem ser favorecidos, para que o preconceito não recaia sobre o bairro ou sobre sua população. O principal é garantir segurança e locais para que as pessoas voltem a frequentar o bairro. Logicamente, com mais infraestrutura", afirma a pesquisadora, destacando, ainda, que a segurança pública, apesar de também exigir policiamento, vai além dele.

* COM ORIENTAÇÃO DA SUBCHEFE DE REPORTAGEM MONIQUE LÓBO.
** O ENTREVISTADO PEDIU PARA TER A IDENTIDADE PRESERVADA.

Roubos e furtos foram se tornando ações frequentes no tradicional bairro do Comércio. Quem trabalha lá fez até petição on-line por segurança

Emilly Oliveira*

REPORTAGEM
emilly.oliveira@redebahia.com.br

Crimes crescem 30% no Comércio

Levantamento da violência no bairro comparou dados dos dez primeiros meses de 2020 com o mesmo período de 2022

O empreendedor de tecnologia Enzo Alves, 30 anos, e seus colegas de trabalho sentem-se inseguros quando deixam o prédio da empresa em que atuam, no bairro do Comércio, em Salvador. Isso porque, em dois anos - de 2020 para 2022 -, o número de ocorrências de roubos e furtos na região cresceu 30%, se comparados os dez primeiros meses de cada período, segundo dados da Secretaria de Segurança Pública da Bahia.

"Não é muito seguro, por exemplo, sair da Avenida França e andar até a Avenida Estados Unidos após as 17h, por não ter fluxo de pessoas, nem policiamento ativo", desabafa Enzo.

Enquanto em 2020, entre janeiro e outubro, foram registrados 405 furtos na região, no mesmo período de 2022 a quantidade foi 22% maior, com 496 ocorrências. O percentual cresce ainda mais para os casos de roubo. Ao todo, 429 ações do tipo ocorreram nos dez primeiros meses deste ano, frente às 302

fichadas em 2020.

Isto significa que a ameaça e a violência são elementos frequentes nas ações criminosas em que as vítimas têm seus pertences levados, uma vez que o crime de roubo se caracteriza pelo uso da brutalidade no momento do assalto. Já o furto consiste na mesma ação de subtrair pertences, mas sem o uso dos mecanismos de coação, ou seja, o furto abrange ações como saquear carteiras ou celulares dentro de bolsas ou bolsos, segundo os artigos 155 e 157 - respectivamente - do Código Penal.

Diante desta realidade, e

motivado pelo medo diário, Enzo Alves criou uma petição on-line e um abaixo-assinado pedindo mais segurança. Aberto no final de outubro, o primeiro documento já ultrapassou as 10 mil assinaturas.

Pesquisadora da Rede de Observatórios de Segurança na Bahia e cientista social, Luciene Santana descreve as

🔴 Não é muito seguro, por exemplo, sair da Avenida França e andar até a Avenida Estados Unidos após as 17h Enzo Alves

Empreendedor de tecnologia que trabalha no bairro

ações que costumam ocorrer no Comércio como crimes de oportunidade, que podem acontecer por alguns fatores. O primeiro é a perda do direito de circular na região, por falta de segurança pública. Então, ser bem movimentado é uma das características importantes para que um local seja seguro. Somado a isso, há a questão da falta de iluminação na região, que é outro fator propiciador.

Na tentativa de se proteger contra a violência, quem transita pela região do Comércio opta por sair em grupos no final do expediente. Mas quando não é possível, o

Região tem reforço pontual de segurança em ocasiões específicas

A falta de policiamento na região do Comércio é comum, segundo os comerciantes e trabalhadores ouvidos pelo CORREIO. No entanto, há períodos pontuais de reforço. Enzo aponta a chegada de cruzeiros ao porto do Comércio como o principal. No entanto, a pre-

sença de policiais militares dura apenas o tempo em que as embarcações permanecem atracadas.

A pandemia foi outra ocasião que contribuiu para o aumento no número de policiais alocados no Comércio. Por ser dona do seu próprio negócio, nesta época, Silva-

na** passou a trabalhar com delivery. Como precisava sair para fazer entregas e reabastecer o estoque, a região continuou sendo um roteiro frequente. "Era fácil encontrar policiais em ronda ou parados, mas agora já voltamos ao abandono normal", afirma ela.

Em nota, a Polícia Militar negou que o policiamento esteja presente apenas quando há navios atracados, e afirmou que são realizadas rondas diuturnamente, com viaturas e motos da 16ª CIPM - responsável pela segurança do bairro.

Também procuradas para

esclarecer como têm atuado para reduzir a ocorrência de crimes no Comércio, a Secretaria de Segurança Pública (SSP-BA) e o Grupo de Apoio ao Turista (GAT), através da Guarda Civil Municipal (GCM), não responderam ao questionamento até o fechamento desta matéria.